

Indústria cultural, entretenimento e cultura do narcisismo: a questão do controle social terapêutico



Cláudio Novaes Pinto Coelho

Doutor em Sociologia (USP)
Docente da Pós-graduação da Faculdade Cásper Líbero
E-mail: claudionpcoelho@uol.com.br

Resumo: A forte presença, na mídia contemporânea, de temáticas marcadas pelo entretenimento e seus vínculos com as formas assumidas pela subjetividade no contexto contemporâneo e com a existência de mecanismos de poder voltados para os comportamentos individuais. Reflexões de autores como Adorno, Horkheimer, Marcuse e Lasch, questionando as características da sociedade capitalista, tendo por base principalmente a sociedade norte-americana. A mídia faz parte das instituições que tutelam os comportamentos e exercem o que foi caracterizado como controle social terapêutico.

Palavras-chave: indústria cultural, entretenimento, controle social terapêutico, jornalismo contemporâneo.

Industria cultural, entretenimiento y cultura del narcisismo: la cuestión del control social terapéutico

Resumen: La fuerte presencia en los medios contemporáneos de temáticas marcadas por el entretenimiento y sus vínculos con las formas asumidas por la subjetividad en el contexto contemporáneo y con la existencia de mecanismos de poder volcados hacia los comportamientos individuales. Reflexiones de autores como Adorno, Horkheimer, Marcuse y Lasch, cuestionando las características de la sociedad capitalista, teniendo por base principalmente la sociedad norteamericana. Los medios forman parte de las instituciones que tutelam los comportamientos y ejercen lo que se caracterizó como control social terapéutico.

Palabras clave: industria cultural, entretenimiento, control social terapéutico, periodismo contemporáneo.

Cultural industry, entertainment and culture of narcissism: the question of therapeutic social control

Abstract: The remarkable presence of the entertainment in the contemporary media and its relations with the forms taken by the subjectivity in the contemporary context and with the existence of power's mechanisms which captures individuals behaviors. Thoughts from authors such as Adorno, Horkheimer, Marcuse and Lasch questioning about the characteristics of capitalist society, mostly north-american society. The media takes part of institutions that tutor the behaviors and practice what has known as therapeutic social control.

Key words: cultural industry, entertainment, therapeutic social control, contemporary journalism.

Introdução

Talvez gere estranheza a utilização de textos escritos décadas atrás para uma análise de temas contemporâneos. No entanto, essa utilização se justifica tendo em vista as características da sociedade contemporânea, marcada pela globalização do modo de produção capitalista. A existência do capitalismo global significa a disseminação em escala mundial de aspectos do capitalismo monopolista. Durante todo o século XX, a sociedade norte-americana notabilizou-se por ser a sociedade em que o capitalismo monopolista desenvolveu-se de modo mais intenso. Não foi por acaso que uma das obras de referência sobre o capitalismo monopolista foi escrita tendo por base uma análise da sociedade norte-americana. Nas palavras dos seus autores:

Marx deduziu seu modelo teórico do sistema capitalista competitivo do estudo da Grã-Bretanha, então o país capitalista mais rico e mais desenvolvido. Isto era necessário e inevitável. E, dentro do mesmo princípio, um modelo teórico do sistema capitalista deve basear-se no estudo dos Estados Unidos, que estão hoje muito à frente dos outros países em termos de desenvolvimento capitalista, tal como a Grã-Bretanha estava no século XIX (Baran & Sweezy, 1974:16-17).

De acordo com Baran e Sweezy, o capitalismo monopolista pode ser definido basicamente pelo poderio das grandes corporações empresariais que monopolizam os principais recursos econômicos:

Hoje, a unidade econômica típica na sociedade capitalista não é a firma pequena que fabrica uma fração desprezível de uma produção homogênea, para um mercado anônimo, mas a empresa em grande escala, à qual cabe uma parcela significativa da produção de uma indústria, ou mesmo de várias indústrias, capaz de controlar seus preços, o volume de sua produção e os tipos e volumes dos seus investimentos. A unidade econômica típica, em outras palavras, tem os atributos que foram outrora considerados como exclusivos dos monopolios (Baran & Sweezy, 1974:15).

A globalização do capitalismo, traço distintivo da contemporaneidade, é uma consequência da atuação das empresas monopolistas em escala mundial. O capitalismo global surgiu como um projeto dessas empresas, como mostram Richard J. Barnet e Ronald Muller, autores de um dos primeiros e mais importantes livros sobre a globalização:

A empresa global é a primeira instituição na história humana dedicada ao planejamento centralizado em escala mundial. Uma vez que sua finalidade básica consiste em organizar e integrar a atividade econômica em todo o mundo, de modo a maximizar o lucro global, essa empresa constitui uma estrutura orgânica da qual se espera que cada parte sirva ao todo. (...) Respondendo àqueles que lhes questionam o poder, os estadistas empresariais gostam de observar que, como o papa, não possuem divisões ao seu comando. As fontes de seu extraordinário poder, no entanto, são encontradas em toda parte – no poder de transformar a economia política mundial e ao, fazê-lo, de transformar o papel histórico da nação-Estado. Esse poder não deriva da boca do canhão, mas do controle dos meios de criação de riqueza em escala mundial (Barnet & Muller, 1978:14-15).

A existência do capitalismo global não implica a existência de um modo de produ-

ção homogêneo em escala mundial, já que a presença ou não das empresas globais em regiões específicas e as formas de atuação nessas regiões estão vinculadas às oportunidades para a maximização do lucro. No entanto, a presença de elementos do capitalismo monopolista é cada vez maior, tendo em vista o desenvolvimento dos meios de comunicação em escala mundial e a criação de um mercado mundial, acompanhados pela existência de uma cultura de consumo global. Nesse contexto, a sociedade norte-americana é referência não apenas devido à dimensão econômica do capitalismo monopolista, mas também no plano da comunicação e da cultura. As empresas norte-americanas foram pioneiras em impulsionar a indústria cultural e a transformação da cultura em entretenimento. É nesse sentido que o capitalismo global é inseparável daquilo que Benjamin Barber caracterizou como o McMundo. Ou seja, um estilo de vida que se desenvolveu na sociedade norte-americana, e que tem na rede de lanchonetes McDonald's um dos seus símbolos principais, e hoje está espalhado pelo mundo afora. Mas, se o McDonald's é um símbolo do estilo de vida norte-americano e, por extensão, do capitalismo monopolista, isso se deve à valorização da velocidade, da aceleração do tempo (elemento fundamental da maximização do lucro), estando ligado a um outro símbolo norte-americano, a cultura do automóvel. Segundo Barber:

Historicamente, há algo prototipicamente americano em relação ao automóvel: o empenho de Henry Ford para fazer um veículo motorizado de produção em massa e que daria liberdade a cada família americana acabou associado a muitas virtudes do estilo de vida americano – e a muitos de seus vícios também. A internacionalização da cultura do automóvel – que George Ball certa vez chamou de uma “ideologia sobre quatro rodas” –, bem como da indústria automobilística, é portanto, uma ação globalizadora dos Estados Unidos, independentemente de quem fabrique os carros. Na última década, os chineses adotaram a fabricação de automóveis como um pilar da modernização econômica: mais do que

qualquer outra decisão que eles tomem, esta pode levá-los à americanização que tanto temiam (Barber, 2003:57).

A maneira como cada país ou região participa do McMundo deve, evidentemente, ser analisada caso a caso. No que diz respeito à sociedade brasileira, pelo menos desde a segunda metade da década de 1950, período de implantação da indústria automobilística, é possível apontar a presença no Brasil do capitalismo monopolista. Essa presença, no entanto, não significou uma ruptura com as relações de dependência e subordinação diante dos países dominantes; assim como a incorporação do Brasil ao capitalismo global manteve as mesmas características.

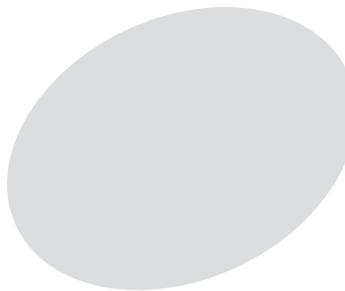
Dentre outros, Florestan Fernandes apontou para a persistência da situação de dependência no contexto social do capitalismo monopolista:

A natureza e os ritmos da transformação capitalista sob as grandes corporações “multinacionais” criaram a realidade histórica de nossa época. Os países retardatários são comensais desprezíveis ou simples repasto para os demais. Não há como fazer coincidir os tempos da história: as estruturas sócio-econômicas, culturais e políticas dos países capitalistas hegemônicos absorvem as estruturas dos países subcapitalistas, semicapitalistas ou de capitalismo dependente, submetendo-as a seus próprios ritmos e subordinando-as aos interesses que lhes são próprios (Fernandes, 1995:139).

Indústria cultural e entretenimento

Inúmeros são os exemplos da presença do entretenimento na produção midiática brasileira contemporânea, desde o papel preponderante das novelas na produção televisiva até o crescimento na mídia impressa (grandes jornais diários, revistas semanais de informação) do espaço dedicado a temas como moda, gastronomia, comportamento de celebridades, cuidados com o corpo, manutenção da saúde, busca do sucesso profissional.

A título de ilustração, podemos citar o



O indivíduo psicologicamente dependente é o indivíduo materialmente dependente, numa sociedade controlada pelos grandes conglomerados

levantamento feito por Antonio Luiz Gonçalves Júnior (2004:68) acerca da presença de matérias de capa com temas comportamentais publicadas pela revista *Veja*: em 1993 foram publicadas oito matérias com essas características, o que correspondia a 15,38% do total de matérias; enquanto que em 2003 foram publicadas 24 matérias, correspondendo a 47,06% do total. O entrelaçamento de jornalismo e entretenimento já deu origem, conforme Barber (2003:155), a um termo próprio para caracterizá-lo, o “*infotainment*” ou infotainment, e é a tendência predominante no jornalismo contemporâneo no Brasil e em escala mundial.

A abordagem da presença do entretenimento nos meios de comunicação não é exatamente uma novidade: em 1947, T. Adorno e M. Horkheimer publicaram o livro *Dialética do esclarecimento*, analisando em um dos seus capítulos a relação entre a indústria cultural e o entretenimento. A análise de Adorno e Horkheimer está baseada numa diferenciação entre o entretenimento antes e depois da existência da indústria cultural. Antes de ser assimilada pela indústria cultural, a diversão caracterizava-se pelo *nonsense* e pelo contraponto crítico às pretensões de autonomia cultural (pureza estética) da arte séria, erudita, expressão da cultura burguesa:

A arte “leve” como tal, a diversão, não é uma forma decadente. Quem a lastima como traição do ideal da expressão pura está alimentando ilusões sobre a sociedade. A pureza da arte burguesa, que se hipostasiou como reino da liberdade em oposição à práxis material, foi obtida desde o início ao preço da exclusão das classes inferiores,

mas é à causa destas classes – a verdadeira universalidade – que a arte se mantém fiel exatamente pela liberdade dos fins da falsa universalidade. A arte séria recusou-se àqueles para quem as necessidades e a pressão da vida fizeram da seriedade um escárnio e que têm todos os motivos para ficarem contentes quando podem usar como simples passatempo o tempo que não passam junto às máquinas. A arte leve acompanhou a arte autônoma como uma sombra. Ela é a má consciência social da arte séria (Adorno & Horkheimer, 1985:126-127).

A indústria cultural inverte o significado atribuído à diversão, negando-o mediante a aparência (falsa) da sua valorização. A diversão, agora, está a serviço da racionalidade capitalista (das grandes empresas) marcada pela exploração e dominação, devendo remeter sempre a um sentido coerente; ainda que este sentido não seja o da coerência estética, mas sim o da razão instrumental, da submissão a comportamentos úteis, conforme a racionalidade capitalista (busca de vantagens materiais):

O puro entretenimento em sua lógica, o abandono descontraído à multiplicidade das associações e ao absurdo feliz, é cercado pelo entretenimento corrente; ele é estorvado pela contrafação de um sentido coerente que a indústria cultural teima em acrescentar a seus produtos e de que ela, ao mesmo tempo, abusa espertamente como um mero pretexto para a aparição dos astros. Biografias e outras fábulas remendam os retalhos do absurdo de modo a constituir um enredo cretino. Não são os guizos da carapuça do bufão que se põem a tilintar, mas o molho de chaves da razão capitalista, que mesmo na tela liga o prazer aos projetos de expansão. Cada beijo no filme musical deve contribuir para a carreira do boxeador ou qualquer outro perito em sucessos cuja carreira esteja sendo glorificada. O logro, pois, não está em que a indústria cultural proponha diversões, mas no fato de que ela estraga o prazer com o envolvimento de seu tino comercial nos clichês ideológicos da cultura em vias de se liquidar a si mesma. (...) Ela faz com que o sem-sentido na base da escala desapareça

tão radicalmente quanto, no topo o sentido das obras de arte (Adorno & Horkheimer, 1985:133-134).

Uma das acusações mais comuns feitas aos autores de *Dialética do esclarecimento* é a de “elitismo”, de ojeriza às manifestações da cultura popular. No entanto, uma leitura mais atenta dos seus textos mostra uma valorização de elementos da cultura popular, como a arte circense:

A indústria cultural conserva o vestígio de algo melhor nos traços que a aproximam do circo, na habilidade obstinada e insensata dos cavaleiros, acrobatas e palhaços, na “defesa e justificação da arte corporal em face da arte espiritual” (Wedekind, 1921:426). Mas os últimos refúgios da arte circense que perdeu a alma, mas que representa o humano contra o mecanismo social, são inexoravelmente descobertos por uma razão planejadora, que obriga todas as coisas a provarem sua significação e eficácia (Adorno & Horkheimer, 1985:134).

O entretenimento deixa de ser algo imediato, um fim em si mesmo, transformando-se em um meio para a reprodução do modo de produção capitalista: o vínculo entretenimento/capitalismo ocorre em três planos. O primeiro deles, que pode ser caracterizado como estrutural, diz respeito à eliminação (não percebida pelos agentes sociais) da oposição “tempo livre”/tempo de trabalho. O caráter programado do tempo livre, sua subordinação aos mecanismos da indústria cultural, faz com que ele reproduza as características do processo de trabalho:

A diversão é o prolongamento do trabalho sob o capitalismo tardio. Ela é procurada por quem quer escapar ao processo de trabalho mecanizado, para se pôr de novo em condições de enfrentá-lo. Mas, ao mesmo tempo, a mecanização atingiu tal poderio sobre a pessoa em seu lazer e sobre a sua felicidade, ela determina tão profundamente a fabricação das mercadorias destinadas à diversão, que esta pessoa não pode mais perceber outra coisa senão as cópias que reproduzem o próprio processo de trabalho. O pretense conteúdo não passa de

uma fachada desbotada; o que fica gravado é a seqüência automatizada de operações padronizadas. Ao processo de trabalho na fábrica e no escritório só se pode escapar adaptando-se a ele durante o ócio. Eis aí a doença incurável de toda diversão. O prazer acaba por se congelar no aborrecimento, porquanto, para continuar a ser um prazer, não deve mais exigir esforço e, por isso, tem de se mover rigorosamente nos trilhos gastos das associações habituais. O espectador não deve ter necessidade de nenhum pensamento próprio, o produto prescreve toda reação; não por sua estrutura temática – que se desmorona na medida em que exige o pensamento – mas através de sinais (Adorno & Horkheimer, 1985:128).

Mas, o vínculo entretenimento/capitalismo possui uma segunda dimensão, articulada com a primeira, que é a associação diversão/consumo. O “tempo livre” é o tempo do consumo das mercadorias, a começar pela própria “arte” transformada agora em mercadoria:

A indústria cultural pode se ufanar de ter levado a cabo com energia e de ter erigido em princípio a transferência muitas vezes desajeitada da arte para a esfera do consumo, de ter despido de suas ingenuidades inoportunas e de ter aperfeiçoado o feitiço das mercadorias (Adorno & Horkheimer, 1985:126).

O terceiro aspecto do vínculo entretenimento/capitalismo já foi abordado anteriormente, e também aparece na citação acima, que é o da subordinação da diversão ao princípio da utilidade; o “tempo livre” precisa ser bem aproveitado, perdendo o seu caráter de momentos marcados pela inseqüência. É este vínculo entre entretenimento e comportamentos úteis, seu caráter de tempo bem aproveitado, que permite a inclusão de mensagens midiáticas voltadas para o bem-estar físico e mental ou para o sucesso profissional sob a rubrica do entretenimento. Essas mensagens úteis, consumidas no “tempo livre” dos indivíduos, são sempre mostradas sob a forma da diversão; precisam ser formalmente atraentes, não podem ser chatas, senão não atraem a atenção do público. Indicativas, por exemplo, da mistura de informação e entre-

tenimento são as publicações de “auto-ajuda” para executivos, como as revistas *Você S/A e Vencer*.

● Subjetividade dependente e cultura do narcisismo

O indivíduo que se diverte consumindo os produtos da indústria cultural é o indivíduo entretido por ela, e que se torna dependente dela. Em seu artigo sobre a indústria cultural publicado na década de 1960, T. Adorno enfatizava a dependência como característica básica da relação indivíduo/indústria cultural/sociedade:

Dependência e servidão dos homens, objetivo último da indústria cultural, não poderiam ser mais fielmente caracterizados do que por aquela pessoa estudada numa pesquisa norte-americana, que pensava que as angústias dos tempos presentes teriam fim se as pessoas se limitassem a seguir personalidades preeminentes (Adorno, 1986:99).

Essa dependência psicológica, do indivíduo diante de uma sociedade que se propõe a cuidar dele, a resolver os seus problemas, possui uma base material: o indivíduo psicologicamente dependente é o indivíduo materialmente dependente, que vive numa sociedade controlada pelos grandes conglomerados empresariais. Nesta sociedade, de acordo com o texto de *Dialética do esclarecimento*:

A possibilidade de tornar-se sujeito econômico, um empresário, um proprietário, está completamente liquidada. As empresas autônomas (incluindo-se aí as mais humildes lojinhas), cuja direção e transmissão hereditária constituíam a base da família burguesa e a posição de seu chefe caíram numa dependência sem perspectivas (Adorno & Horkheimer, 1985:143).

O historiador norte-americano Christopher Lasch retomou, algumas décadas depois, o argumento de que a dependência é a principal característica da subjetividade e que não

há oposição entre as características do processo de trabalho e as do “tempo livre”:

Só se pode apreender os efeitos psicológicos do consumismo quando o consumo é entendido como uma outra fase da rotina do trabalho industrial. O exercício repetido da autovigilância constrangida, da submissão ao julgamento dos especialistas, da descrença em sua própria capacidade de tomar decisões inteligentes, seja como produtores seja como consumidores, falseia as percepções das pessoas tanto em relação a elas mesmas como ao mundo que as rodeia. Estimula um novo tipo de autoconsciência que pouco tem a ver com a introspecção ou a vaidade. Seja como trabalhador ou como consumidor, o indivíduo não apenas aprende a avaliar-se face aos outros mas a imagem projetada conta mais que a experiência e as habilidades adquiridas (Lasch, 1986:21).

O indivíduo (consumidor) que é entredito pela mídia é o mesmo indivíduo (trabalhador) que perdeu o controle sobre o processo de produção:

O consumismo é apenas a outra faceta da degradação do trabalho – a eliminação da diversão e da habilidade artesanal do processo de produção.(...) Sob o lema da gestão científica, os capitalistas expropriaram o conhecimento técnico anteriormente exercido pelos trabalhadores, reformularam-no em ciência e investiram em seu controle uma nova elite gerencial. Os gerentes estenderam o seu poder, não às custas dos proprietários das indústrias, como tantas vezes se afirmou, mas às custas dos trabalhadores (Lasch, 1986:19-20).

Para esta subjetividade que depende do olhar do outro, que é vigiada constantemente, a mídia funciona como um espelho, indicando ao indivíduo como ele deve ser: a imagem que deve projetar para ser aceito socialmente. A mídia é um elemento central da cultura do narcisismo que marca a sociedade contemporânea:

As condições sociais vigentes, especialmente as fantásticas imagens da produção de massas que formam as nossas concepções

do mundo, não somente encorajam uma contração defensiva do eu como colaboram para apagar as fronteiras entre o indivíduo e seu meio. Como nos lembra a lenda grega, é esta confusão entre o eu e o não-eu – e não o “egoísmo” – que distingue o apuro de Narciso (Lasch, 1986:12).

As avançadas técnicas de comunicação, que parecem simplesmente facilitar a disseminação de informações em uma escala mais ampla que a anteriormente disponível, demonstram, a um exame mais detido, impedir a circulação de idéias e concentrar a informação num punhado de organizações gigantescas. A moderna tecnologia tem sobre a cultura o mesmo efeito que tem sobre a produção, onde serve para estabelecer o controle administrativo sobre a força de trabalho. O estudo sobre a cultura de massa conduz-nos, assim, à mesma conclusão inspirada por um estudo da mecanização do trabalho: a tecnologia mais avançada compreende deliberadamente um sistema unilateral de gestão e comunicação (Lasch, 1986:17).

A sociedade administrada e o controle social terapêutico

O indivíduo dependente, do ponto de vista material e psicológico, é o indivíduo que vive numa sociedade administrada. Este conceito, “sociedade administrada”, é importante para Adorno e Horkheimer, assim como para outro pensador vinculado à chamada Escola de Frankfurt, Herbert Marcuse. Para este autor, em obra publicada no ano de 1964:

O novo mundo-do-trabalho tecnológico impõe um enfraquecimento da posição negativa da classe trabalhadora; esta não parece ser a contradição viva da sociedade estabelecida. Essa tendência é reforçada pelo efeito da organização tecnológica da produção sobre o outro lado envolvido; sobre a gerência e a direção. A dominação se transfigura em administração. Os patrões e proprietários capitalistas estão perdendo sua identidade como agentes responsáveis; estão assumindo a função de burocratas numa máquina corporativa (Marcuse, 1973:48-49).

Na sociedade administrada, o exercício do poder, do controle social sobre os indivíduos, aparece sob a forma (mascarada) da gestão científica. Não possui a aparência de um exercício de poder, pois se manifesta sob a roupagem da objetividade científica. A dialética do esclarecimento que marca a sociedade capitalista constitui-se justamente pela transformação da racionalidade científica de elemento emancipador em um componente das práticas de dominação. Faz parte dessa dialética a dificuldade para a compreensão social do vínculo razão instrumental/dominação.

Christopher Lasch obviamente não é um autor vinculado à Escola de Frankfurt; no entanto, desenvolveu alguns argumentos bastante próximos das posições de autores da autodenominada teoria crítica da sociedade. Lasch postula, também, que o conhecimento científico tem sido utilizado, a partir do processo de trabalho nas grandes empresas, como um mecanismo de controle social; a base para o exercício desse poder é a anulação do saber dos trabalhadores e a produção de uma subjetividade marcada pela dependência:

Os arranjos sociais que sustentam um sistema de produção em massa e consumo de massa tendem a desencorajar a iniciativa e a autoconfiança e a incentivar a dependência, a passividade e o estado de espírito do espectador, tanto no trabalho como no lazer (Lasch, 1986:19).

A existência da subjetividade dependente é inseparável da existência de mecanismos de controle social marcados pela produção de comportamentos “normais”, adequados aos padrões sociais vigentes. As relações de exploração e de dominação são mascaradas pela afirmação, feita por diferentes instituições sociais, de uma preocupação com o bem-estar dos indivíduos que vivem na sociedade capitalista, e pelo oferecimento de uma infinidade de terapias capazes de resolver situações problemáticas. De acordo com Lasch, há na contemporaneidade:

Um estilo de disciplina social manipulador, terapêutico, “pluralista” e “não-judicioso” que se origina, como tantos outros processos, com a ascensão de uma classe profissional e gerencial nos primeiros anos do século XX e depois se irradia da corporação industrial, onde foi aperfeiçoada, para o campo político em seu conjunto. Como vimos, o controle gerencial da força de trabalho gerou uma força de trabalho passiva, excluída das decisões sobre o planejamento e a execução da produção. A passividade, no entanto, criou novos problemas de disciplina no trabalho e de controle social – problemas de “moral”, de “motivação”, de “fator humano”, como passaram a ser chamados pelos sociólogos e psicólogos industriais, que começaram a surgir nos anos vinte. (...) Na verdade, a promoção do consumo como um modo de vida passou a ser visto, em si, como um meio de aliviar a inquietação industrial. Mas a conversão do trabalhador em um consumidor de mercadorias foi em breve seguida por sua conversão em um consumidor de terapias destinadas a facilitar seu “ajustamento” às realidades da vida industrial (Lasch, 1986:36-37).

Herbert Marcuse já trabalhava com o conceito de controle social terapêutico, chamando a atenção para o papel desempenhado pela racionalidade científica, reduzida à racionalidade instrumental dos conceitos operacionais:

O indivíduo e seu comportamento são analisados num sentido terapêutico – ajustamento à sua sociedade. Pensamento e expressão, teoria e prática, serão postos em harmonia com os fatos de sua existência sem deixar lugar para a crítica conceptual desses fatos. O caráter terapêutico do conceito operacional se mostra mais claramente quando o pensamento conceptual é metodicamente colocado a serviço da exploração e do aprimoramento das condições sociais existentes, dentro da estrutura das instituições sociais existentes – na Sociologia Industrial, nas pesquisas sobre motivação, nos estudos sobre comercialização e opinião pública (Marcuse, 1973:110-111).

● O complexo tutelar e a mídia

O texto de Herbert Marcuse citado acima menciona os vínculos entre a racionalidade científica, o controle social terapêutico e as instituições sociais. Christopher Lasch argumenta que após a sua consolidação no universo empresarial, o controle social terapêutico disseminou-se para outras instituições sociais, principalmente a escola, que atuam de forma articulada compondo um complexo que tutela os comportamentos:

O moderno sistema de educação pública, remodelado de conformidade com os mesmos princípios de gestão industrial anteriormente aperfeiçoados na indústria, substituiu o aprendizado de um ofício como agência principal no treinamento das pessoas para o trabalho. Neste treinamento, a transmissão de habilidades é cada vez mais acidental. A escola habitua as crianças à disciplina burocrática e às exigências da vida em grupo, gradua-as e as classifica através de testes padronizados e seleciona algumas para as carreiras profissionais e de gerência, enquanto destina as restantes ao trabalho manual. A subordinação da instrução acadêmica aos testes e à supervisão sugere que as agências de “seleção de mão-de-obra” tornaram-se parte de um aparato maior de supervisão e ressocialização que inclui não apenas a escola como também os juizados de menores, as clínicas psiquiátricas e os departamentos de assistência social – em suma, toda a gama de instituições operadas pelos “profissionais de assistência”. Esse complexo tutelar, como já foi adequadamente denominado, desestimula a transferência autônoma de autoridade e poder de uma geração para outra, passa a mediar as relações familiares e socializa a população para as exigências da burocracia e da vida industrial. Todas essas instituições operam de acordo com o princípio subjacente segundo o qual o desejo de cooperar com as dignas autoridades oferece a maior evidência do “ajustamento” e a melhor promessa de sucesso pessoal, ao passo que a recusa à cooperação significa a presença de “problemas emocionais” que requerem uma atenção terapêutica mais constante (Lasch, 1986:39).

Transcrevemos esse longo trecho do livro *O mínimo eu*, porque ele faz uma caracterização bastante precisa do complexo tutelar e pode servir de base, além das referências construídas durante todo o artigo, para a interpretação do papel da mídia. Essa interpretação, que situa a mídia como parte integrante das instituições que compõem o complexo tutelar, será elaborada a partir da análise de quatro edições (de 30 de novembro a 21 de dezembro de 2006) do suplemento *Folha Equilíbrio* publicado semanalmente pelo jornal *Folha de S.Paulo*.

O próprio título do suplemento já indica o seu posicionamento junto às práticas terapêuticas que buscam sempre o ponto de equilíbrio, as condições “normais” que se opõem às situações “patológicas” que se pretendem evitar. O suplemento é composto por artigos de especialistas (principalmente médicos e psicoterapeutas) e de matérias voltadas para a prestação de serviço nas áreas da saúde física e psíquica, abordando desde questões vinculadas à alimentação a temas como a realização de cirurgias, o uso de medicamentos, de cosméticos e a frequência a psicoterapias.

Por exemplo, na edição de 30 de novembro de 2006, foi publicada a seguinte carta de uma leitora:

Meu marido e eu adoramos o que Michael Kepp escreve, mas a mais recente (ed. 23/11) estava demais. Encontramos em vocês nós. Meu marido não usa cueca, o Michael também. Eu, Paula, não sei o que é sair de bolsa – minha identidade fica na carteira do meu marido (ele ainda usa carteira). Viajamos bastante também e nossa mala dá para 15, 20 dias tranquilamente. Obrigada, Michael, por me fazer parecer normal (*Folha de S.Paulo*, *Folha Equilíbrio*, 30/11/06, p.2).

Esta carta parece confirmar os argumentos sobre a cultura do narcisismo, marcada pela existência do outro como o espelho que reflete a nossa identidade e justifica nossos comportamentos. No caso, trata-se de um articulista da imprensa que funciona como espelho, e atesta a normalidade das condutas.

O exercício do controle social terapêutico por intermédio de uma ação mediadora diante das relações familiares fica evidenciado, por exemplo, no artigo *Autorização para Sair*, assinado pela psicóloga Rosely Sayão, que explica aos pais como eles devem se comportar diante da possibilidade de seus filhos saírem sem a sua companhia. Em um de seus trechos escreve a autora:

Tomemos um fato corriqueiro na vida dos filhos, já a partir dos 10 anos: o convite para festas de aniversários de colegas sem a companhia dos pais. Quando os pais permitem, é preciso tomar algumas decisões paralelas que ajudem o filho a se responsabilizar pela questão. Alguns pais dizem sim ao filho e acreditam que a grande questão é a segurança no trajeto de ida e volta. Não! Há muito mais a ser feito. Por exemplo: a compra do presente deve ser feita pelo filho ou, no mínimo, ele deve acompanhar a mãe na compra, sugerir o mimo, arcar com parte do valor com sua mesada etc. Os pais devem fazer o filho participar da conversa sobre como ele chegará ao local e como voltará para casa e sobre o horário a ser cumprido. E ele deve também saber que toda festa tem suas repercussões, positivas ou não, e que ele terá papel nisso. Desse modo, o filho aprende que a diversão tem também uma parte árdua e pode amadurecer com as experiências (*Folha de S.Paulo*, *Folha Equilíbrio*, 14/12/06, p.12).

Não é muito difícil perceber que a autora do artigo pretende se colocar entre os pais e os filhos determinando, com base no seu saber “científico”, como os pais devem agir diante de situações “corriqueiras”. O tom imperativo do texto, evidenciado pelo uso constante do verbo dever, é um componente essencial para a produção de subjetividades dependentes, já que gera insegurança com relação à capacidade dos pais desenvolverem seus próprios padrões de julgamento: é a mídia tutelando os comportamentos, como se poder perceber, também, pelos argumentos voltados para a caracterização dos filhos normais; ou seja, que desenvolvem um sentido de responsabilidade, de disciplina (“horário a ser cumprido”) e de aceitação

das exigências da vida em grupo (papel nas repercussões da festa). A lógica capitalista de que mesmo a diversão, o entretenimento, deve ser útil também está presente no artigo: “o filho aprende que a diversão tem também uma parte árdua e pode amadurecer com as experiências”.

O esvaziamento da espontaneidade da diversão, e seu direcionamento para a racionalidade capitalista das ações úteis, promovido pela indústria cultural, está presente com maior clareza no artigo *Brincadeiras para o Cérebro*, escrito pela neurocientista Suzana Herculano-Houzel e publicado na edição de 7 de dezembro :

Morto-vivo, batatinha-frita, seu mestre mandou, lenço atrás. À primeira vista, essas são brincadeiras bobas que servem apenas para divertir as crianças e fazê-las correr. Mas fazem muito mais: as brincadeiras tradicionais da infância são um excelente exercício para o córtex pré-frontal. O córtex pré-frontal é aquela parte do cérebro que organiza nossas ações, faz planos, elabora estratégias e, sobretudo, diz não às respostas impulsivas do cérebro. Crianças pequenas ainda não fazem nada disso muito bem, com seu pré-frontal imaturo, de modo que qualquer “aula” de organização é bem-vinda, a começar pelo be-a-bá: escolher a resposta certa para cada estímulo (*Folha de S.Paulo*, *Folha Equilíbrio*, 7/12/06, p. 5).

O artigo, ao valorizar a dimensão útil das brincadeiras infantis, deixa claros os vínculos entre o entretenimento, o pensamento operacional e o processo de trabalho. Afinal de contas, a preocupação central da autora é com o desenvolvimento da capacidade de “escolher a resposta certa para cada estímulo”. Conforme vimos, Adorno e Horkheimer (1985:128) caracterizam o processo de trabalho como uma “seqüência automatizada de operações padronizadas” e que está presente também na indústria cultural que funciona com base na prescrição das reações dos espectadores por meio de sinais. Sendo assim, podemos dizer que é brincando que se aprende a trabalhar e a consumir os produtos da indústria cultural.

Se um componente fundamental do controle social terapêutico é a necessidade de motivar os indivíduos a agirem de acordo com os padrões considerados normais, este componente está presente, por exemplo, na edição de 21 de dezembro de 2006. A matéria de capa “Cumpra o que promete” pretende motivar o leitor a cumprir em 2007 as famosas promessas de fim de ano, mostrando, como indica a chamada de capa para a matéria, “o que acontece com o seu corpo depois de um ano de planos realizados”. A jornalista Amarílis Lage, redatora da matéria publicada nas páginas 6, 7, 8 e 9, simplesmente escolhe para o leitor, como indica o título, “7 Promessas de Ano-Novo” e indica os seus benefícios mediante a referência a opiniões de especialistas. As sete promessas são as seguintes: lidar melhor com o estresse, sair do sedentarismo, emagrecer, parar de fumar, ser mais organizado, dormir melhor e passar protetor solar.

Mais uma vez estamos diante de um incentivo à indistinção entre o eu e o outro, característica da cultura do narcisismo; em vez do eu que se define pela escolha dos seus próprios projetos, a mídia, no exercício do controle social terapêutico, escolhe como devemos ser, criando um eu ideal, e funcionando como um espelho coletivo, no qual todos nos miramos.

● Considerações finais

Os argumentos desenvolvidos neste artigo não pretendem engrossar o coro pós-moderno que louva a “morte do sujeito”, tampouco pretendem corroborar as afirmações, de cunho mercadológico, de que o indivíduo (consumidor) é soberano. Afirmar que no contexto social contemporâneo existem mecanismos de poder que operam de maneira sutil e são voltados para a produção de subjetividades dependentes também não significa que essa dependência seja inevitável, um dado da “natureza humana”. Muito pelo

contrário, procurou-se chamar a atenção para os vínculos entre a produção de subjetividades dependentes e um contexto social específico, o da globalização capitalista. Pois, se como afirma Sartre, “o essencial não é o que se fez do homem, mas o que ele faz do que fizeram dele” (J. P. Sartre, s/d, p. 136). Por outro lado, a possibilidade de uma ação transformadora depende da compreensão do que as estruturas sociais fizeram dos seres humanos. Do contrário, corre-se o risco de se atribuir à “natureza humana” a capacidade de sempre negar, superar, as condições sociais existentes.

A utilização como referencial de autores eventualmente considerados ultrapassados é fruto de uma interpretação que entende que o capitalismo global não representa uma ruptura radical com fases anteriores da sociedade capitalista, marcadas pela existência do capitalismo monopolista. Sendo assim, as características contemporâneas do entretenimento só podem ser compreendidas se forem analisadas como elementos do capitalismo monopolista e da constituição da indústria cultural. A ação da mídia, considerada como parte integrante do complexo de instituições que tutelam os comportamentos individuais, é uma consequência das mudanças das características do entretenimento a partir do momento em que foi assimilado pela indústria cultural. A indústria cultural age, portanto, como um elo de mediação entre o entretenimento e a lógica do capitalismo monopolista. Se o que define o capitalismo monopolista é o poderio dos grandes conglomerados empresariais, esse poderio está relacionado, também, além da capacidade econômica de controle dos mercados, com a existência de mecanismos de poder inicialmente voltados para os trabalhadores das empresas e em seguida disseminados socialmente — com a participação da indústria cultural por intermédio do entretenimento —, que produzem subjetividades dependentes e que reduzem os seres humanos à condição de consumidores.

Referências

- ADORNO, T. W. *Adorno*. São Paulo: Ática, Col. Grandes Cientistas Sociais 54, 1986.
- ADORNO, T. W. & HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- BARAN, Paul A. & SWEEZY, Paul M. *Capitalismo monopolista: ensaio sobre a ordem econômica e social americana*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.
- BARBER, Benjamin R. *Jihad X McMundo*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- BARNET, Richard J. & MULLER, Ronald. *Poder global*. Rio de Janeiro: Record, 1978.
- COELHO, Cláudio N. P. *Publicidade: é possível escapar?* São Paulo: Paulus, 2003.
- _____. "O conceito de indústria cultural e a comunicação na sociedade contemporânea". *Communicare*, v. 2, n. 2, 2º semestre 2002, pp. 35-46.
- _____. "A indústria cultural, a publicidade e a consolidação da hegemonia burguesa no Brasil". *Communicare*, v. 4, n. 2, 2º semestre 2004, pp. 29-39.
- COELHO, Cláudio N. P. & CASTRO, Valdir J. de (orgs.). *Comunicação e sociedade do espetáculo*. São Paulo: Paulus, 2006.
- FERNANDES, Florestan. *Em busca do socialismo: últimos escritos e outros textos*. São Paulo: Xamã, 1995.
- GONÇALVES JÚNIOR, Antonio L. *A revista Veja e a cultura do narcisismo*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2004.
- IANNI, O. *A era do globalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- _____. *Enigmas da modernidade-mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- _____. *Capitalismo, violência e terrorismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- JAMESON, F. *Pós-modernismo*. São Paulo: Ática, 1996.
- LASCH, C. *Cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- _____. *O mínimo eu*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- MARCUSE, H. *A ideologia da sociedade industrial*. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.
- ORTIZ, R. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SARTRE, Jean P. "Entrevista de Jean Paul Sartre para L'Arc". In: COELHO, Eduardo P. (org.). *Estruturalismo: antologia de textos teóricos*. São Paulo: Martins Fontes, s/d.
- THEODORO, Marlene. *A era do eu s/a: em busca da imagem profissional de sucesso*. São Paulo: Saraiva, 2004.
- WEDEKIND, Frank. *Gesammelte Werke*. v. IX, 1921, p. 426.